

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CENTRO DE DESPORTOS

RAFAELA GLUSZCZUK

**O SURFE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: relações entre a legislação  
e a prática pedagógica**

Florianópolis

2019

RAFAELA GLUSZCZUK

**O SURFE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: relações entre a legislação  
e a prática pedagógica**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Carolina Fernandes Silva.  
Coorientadora: Prof. Dra. Alice Beatriz Assmann

Florianópolis

2019

### Ficha de identificação da obra

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor.

Orientações em:

<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

RAFAELA GLUSZCZUK

**O SURFE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: Relações entre a  
legislação e a prática pedagógica**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de  
“Licenciada em Educação Física” e aprovada em sua forma final pelo ...

Florianópolis, 1 de julho de 2019.

---

Prof. Dr. Giovani Del Duca  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**



---

Prof.ª Dr.ª Carolina Fernandes Silva  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.ª Dr.ª Alice Beatriz Assmann  
Coorientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.ª Giovana Rastelli  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.ª Mestra Tuany Defaveri Begossi  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

A mãe natureza, mais especificamente a imensidão azul que desde sempre fez parte de mim, o mar. Ao qual a partir de seus ensinamentos construí princípios e perspectivas de vida, desejo que através deste trabalho sensibilize olhares interessados em possibilitar essas perspectivas. À minha mãe, que me apoiou nesse processo acadêmico, aos amigos, por todos os momentos que estiveram ao meu lado, independente das situações e a minha orientadora que entre idas e vindas dessa jornada ainda acreditou que eu concluiria esse ciclo.

## RESUMO

Este estudo apresenta algumas reflexões sobre o surfe como prática pedagógica da Educação Física Escolar, destacando essa aproximação à partir das pedagogias crítico-superadora e crítico-emancipatória e sob os termos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Base Nacional Comum Curricular e Plano Nacional da Educação. Após breves considerações bibliográficas, sobre a história do surfe como esporte, os elementos que fazem parte de sua prática e seus aspectos sócio-culturais o texto explica sobre as abordagens pedagógicas citadas acima. Posteriormente traz esclarecimentos sobre as legislações utilizadas e seus recortes que enfatizam as possibilidades de se estabelecer relações entre o surfe e os conteúdos curriculares nacionais, sob as estruturas conceituais das duas abordagens críticas. O estudo busca ainda, estabelecer a importância e a necessidade de elaboração de propostas que promovam o surfe como conteúdo e prática pedagógica na Educação Física Escolar de forma que esta experiência seja objeto de investigação em âmbito educacional.

**Palavras-chave:** Surfe. Educação Física Escolar. Currículo.

## **ABSTRACT**

This study presents some reflections on surfing as a pedagogical practice of Physical Education in schools, highlighting this approach based on critical-overcoming and critical-emancipatory pedagogies and under the terms of the Law on Guidelines and Bases of Education, the National Curriculum and National Education Plan. After brief bibliographical considerations about the history of surfing as a sport, the elements that are part of its practice and its socio-cultural aspects, the text explains about the pedagogical approaches mentioned above. Afterwards, it clarifies the legislation used and its clippings that emphasize the possibilities of establishing relationships between surfing and national curricular contents, under the conceptual structures of the two critical approaches. The study also seeks to establish the importance and the need to elaborate proposals that promote surfing as content and pedagogical practice in Physical Education at school so that this experience is the object of research in the educational field.

**Keywords:** Surfing. Physical Education. Curriculum.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Área de rebentação das ondas.....	13
FIGURA 2 - Temáticas e objetos de conhecimento 8º e 9º ano do ensino fundamental.....	29
FIGURA 3 - Habilidades objetivadas no 8º e 9º ano do ensino fundamental.....	29
FIGURA 4 - Habilidades no ensino médio.....	31

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

*ISA - International Surfing Association*

*WSL - World Surf League*

PNE - Plano Nacional da Educação

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PPP - Projeto Político Pedagógico

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 OBJETIVOS.....	4
1.1.1 Objetivo Geral .....	4
1.1.2 Objetivos Específicos.....	4
1.2 JUSTIFICATIVA .....	5
<b>2. DESENVOLVIMENTO</b> .....	7
2.1 METODOLOGIA.....	7
2.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
2.2.1 Surfe: história, características e Educação Física Escolar.....	10
2.2.2 As abordagens críticas da Educação Física Escolar .....	18
<b>3. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	22
3.1 Os documentos da educação: possibilidades do surfe .....	22
3.2 As abordagens críticas da Educação Física escolar: o currículo .....	24
3.3 As etapas da educação .....	25
3.3.1 O surfe na etapa da educação infantil .....	25
3.3.2 O surfe etapa do ensino fundamental.....	28
3.3.3 O surfe na etapa do ensino médio .....	30
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	33
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	35

## 1. INTRODUÇÃO

Questionamentos sobre os currículos escolares são recorrentes quanto ao olhar daqueles que são responsáveis pelo processo de ensino aprendizagem, principalmente sobre quais temas devem ser tratados. “Discussões sobre conhecimento, verdade, poder e identidade marcam, invariavelmente, as discussões sobre questões curriculares” (SILVA, 1999). Fato ao qual revela uma grande necessidade de ampliar os eixos da educação no Brasil, os conhecimentos adquiridos na escola podem ser colocados como um bem comum à sociedade.

De acordo com Coletivo de Autores (1992) e Kunz (2004) observa-se que visando o desenvolvimento pleno dos alunos, deva-se analisar a realidade sociocultural desses e, a partir daí, se possa fazer uma construção conjunta entre sujeito e instituição, que determine os conteúdos a serem desenvolvidos no âmbito escolar. Além da produção cultural desenvolvida dentro da instituição escolar pelos alunos ali inseridos, a sociedade produz outro tipo de cultura e que também pode ser absorvida e utilizada dentro da escola, visto que essas estão muitas vezes intrínsecas a cada indivíduo que vive socialmente, como costumes cotidianos, e respectivos modos de vida, repercutindo significativamente nas aulas e afetando o processo pedagógico.

Ao conceito da palavra cultura escrito por Geertz (1973), diz como algo que deve ser percebido e não apenas definido, é um grande mecanismo de produção de significados, como uma “teia de significados”, criados pelo homem e orientados pela existência humana. Trata-se de tudo aquilo que é compartilhado reciprocamente na sociedade, estando desta maneira em constante transformação. Visto isso, pode-se dizer que a cultura é fruto dos saberes construídos na vida social, sendo assim enraizados nela e fundamentalmente relevantes.

Sob uma visão da cidade de Florianópolis, temos esta como possuidora de mais de quarenta praias, sendo motivo foco de muitos surfistas, e fazendo com que essa cultura se torne tão influenciadora na vida de sua população. Segundo Pegadas Salgadas (2012), alguns vêm para a cidade buscando esse estilo de vida, muitos que nascem na capital estão envolvidos com ele e outros tantos vivem dele. Apesar disso, é possível perceber que, uma parte da população catarinense mesmo estando imersa nesse meio, o desconhece, fazendo-o passar despercebido. Esse desconhecer é um dos pontos desta pesquisa e vem no sentido de que ao surfe, no conjunto de seus sentidos e produções, não é dado à devida ênfase. De acordo com Pegadas Salgadas (2012), o surfe proporciona o conhecimento de tradições, do mar e do

ambiente, bem como a conscientização ecológica, o desenvolvimento de habilidades, hábitos de vida mais saudáveis, uma melhora no bem-estar e na qualidade de vida, na formação de indivíduos mais independentes e plenos.

Considerando a escola como um dos meios mais pertinentes à formação, deduzimos que o desconhecimento deve ser transformado em conhecimento, nesses momentos vividos dentro da sala de aula. A Educação Física como todo o ensino, deve proporcionar o máximo possível de aprendizagens, e seus conteúdos devem se fazer indispensáveis nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas, estando presentes no cotidiano escolar tanto em momentos descontraídos quanto através de aulas específicas.

Vemos que as práticas culturais locais estão inseridas na vida cotidiana de grande parte da população, as quais deveriam ser de ênfase no ensino, relacionando então, a educação dada aos escolares. Diz-se que a essa educação “cabe-lhe formar o cidadão crítico e consciente da realidade em que vive, para poder nela intervir na direção dos seus interesses de classes” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 36). Portanto, o surfe estando tão inserido como produção cultural de Florianópolis pode ser tratado como uma ferramenta protagonista nos conhecimentos perpassados aos escolares. A partir do olhar das abordagens pedagógicas crítico-superadora e crítico-emancipatória, que levam à formação de indivíduos livres e críticos, o surfe torna-se uma prática cultural importante, ou seja, um dos conteúdos que podem ser tratados nas aulas de Educação Física na escola.

Portanto, entendendo o surfe como cultura, seria possível vê-lo tratado no contexto da Educação Física Escolar atualmente? De acordo com o questionamento anterior, pensando no cenário atual desse esporte, analisando fontes e tendo como base o olhar de quem reside no Brasil em específico na ilha de Santa Catarina, Florianópolis, buscou-se responder tal indagação.

Para esta pesquisa, buscou-se analisar as fontes de maneira qualitativa, visando atribuir significados, tendo como procedimentos uma análise documental (leis, bases e plano, norteadores da educação brasileira) e revisão de literatura (artigos, teses, dissertações, monografias e livros).

Essa pesquisa está delineada da seguinte maneira: Capítulo 1 - Introdução, objetivo geral e específico, e justificativa. Capítulo 2 – Desenvolvimento, sendo composto por metodologia e revisão de literatura e suas subdivisões temáticas sendo: Surfe: história, características e Educação Física Escolar; As abordagens críticas da Educação Física Escolar. Capítulo 3 – Resultado e Discussões, tendo três tópicos à saber: Os documentos da educação;

As abordagens críticas da Educação Física escolar: o currículo e o surf; As etapas da educação. Considerações finais e por fim Referências.

## **1.1 OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Entender como o surfe é abordado na legislação sobre o currículo da Educação Física Escolar brasileira e suas relações com a prática pedagógica.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Verificar como o surfe está presente nos documentos e arquivos nacionais que regem a Educação Física Escolar;
- Identificar aproximações entre o contexto cultural e os conteúdos curriculares recomendados pelos documentos oficiais que regem a Educação Física Escolar;
- Relacionar o processo de ensino-aprendizagem do conteúdo surfe, enquanto prática da cultura corporal e da cultura corporal de movimento, na escola com as abordagens pedagógicas da Educação Física, especificamente a crítica-superadora e crítico-emancipatória.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

O presente estudo é justificado, principalmente, pelo meu envolvimento com a cultura do local em que cresci, Florianópolis, que influenciam no desejo de aprofundar-me sobre como esse tipo de prática se dá nas escolas. Neste contexto, uma das práticas que estava presente na minha realidade de vivências corporais não foi aprendida por mim na escola e nem vista na minha formação no curso de Educação Física Licenciatura. Apesar de, observado o território Brasileiro como detentor de uma costa extensa, levando em consideração e utilizando como amostra, Florianópolis, uma ilha, que possui mais de 40 praias. Para que sua população usufrua de todas suas possibilidades é necessário oferecer na escola conhecimentos nessas áreas, sendo principalmente, mas não apenas aqui, utilizando o surfe como um instrumento para isso. Segundo Bracht (2000), a ideia de esporte na escola como lugar de produção cultural está salientado no trabalho desenvolvido pelos professores de Educação Física, que podem ser capazes de tratá-los como recurso produtor e possibilitador de apropriação dos mesmos, sendo este o processo de escolarização do esporte, que potencializa a descoberta de novos meios para conhecer e usufruir das influências da sociedade.

Como pratico regularmente o surfe, identifico elementos significativos para a prática, os quais podem ser trabalhados em aulas de Educação Física, como o conhecimento do ambiente onde acontece, o mar. Diante disso, apresento elucidações sobre tais elementos. Penso que quando se tem uma boa leitura do meio pode-se evitar a grande maioria dos incidentes, mesmo que inesperados. Por exemplo, criam canais de repuxo, e mudanças no solo em questão de segundos, em um instante o sujeito está com água na cintura ao passo de que em outro já não alcança mais o pé no fundo e encontra-se submerso na água. Para tanto a preparação dos sujeitos para lidar com esse espaço tão mutável é fundamental. Assim uma boa preparação e condicionamento físico, um domínio mínimo de natação, onde se saiba ao menor flutuar, um controle e conhecimento pessoal sobre seus medos, a manutenção da calma, o senso de respeito para com o ambiente que se está, assim como para com seus limites, tanto físico quanto psicológicos, o uso de equipamentos seguros e em boas condições, são requisitos básicos.

Todas essas questões devem ser muito bem tratadas, esclarecidas e estabelecidas antes do contato direto do aluno com a prática nesse ambiente, o próprio esporte já nos conscientiza dos riscos, é um esporte radical, de aventura na natureza e deve ser encarado como tal classificação.

O surfe, pensado a partir de toda sua abrangência de conteúdos, e como visto durante toda a pesquisa, não se constitui em apenas um esporte, ele é uma cultura, um estilo de vida, onde a essência encontra-se na relação com o mar e a natureza. O surfista não deve procurar o equilíbrio apenas no momento de ficar em pé na prancha, mas sim, em todos os momentos e relações fundamentadas na prática. O princípio essencial, que abre todos os caminhos, está na conexão do surfista com todos os elementos, na fusão do corpo com o equipamento, com a mente e com a natureza. O que faz aquele sujeito, o surfista, perceber seu lugar e seu momento, distanciando-o da vida cotidiana, da cidade e buscando a paz que o contato com o mar e a natureza proporcionam.

Justifico também a importância do tema da presente pesquisa, pois abre-se a visão para investigação de outros esportes incomuns ao ambiente escolar, como meio para um fim, o de facilitador do processo de ensino-aprendizagem. E pela necessidade de se saber mais sobre as experiências de esporte de aventura na natureza no âmbito da Educação Física Escolar, como elas dependem, independem e se inter-relacionam com outras áreas de conhecimento.

Por fim, afirmo como necessária a ampliação de perspectivas, para que se maximize a qualidade do ensino brasileiro em geral, mais especificamente em Florianópolis. Podemos também afirmar que esta pesquisa vem contribuir para a construção de um conhecimento mais amplo e completo acerca da questão pedagógica do ensino do surfe. Desenvolver o determinado tema no meio acadêmico gera contribuições para formação de professores capacitados a fim de atender a demanda de um currículo cada dia mais completo, preparando novos profissionais com pensamentos mais críticos e abertos a propostas inovadoras.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 METODOLOGIA**

O presente estudo está caracterizado como uma pesquisa qualitativa, a qual é classificada como “capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto nas sua transformação, como construções humanas significativas” (MYNAIO, 1996, P.10). Essa pesquisa utilizou dados de documentos, baseadas em materiais originais, caracterizando uma pesquisa documental, que foi contextualizada a partir da revisão de literatura, a qual concentra-se em trabalhos e estudos já desenvolvidos e analisados. Desta forma, a coleta de dados deu-se a partir das seguintes fontes: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o Plano Nacional da Educação (PNE), e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) . Os arquivos públicos e documentos oficiais foram obtidos através de sites governamentais. Dentro do que foi lido e analisado encontram-se:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394/1996 - , como o próprio nome já enuncia, é o conjunto de leis que regulamenta o sistema educacional brasileiro. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atualizada em 2018, expõe sobre o que deve ser abordado no contexto pedagógico geral e os conteúdos base que obrigatoriamente devem ser tratados em cada fase do ensino, em cada turma e especificamente em cada disciplina. Dessas obrigatoriedades, foram analisadas as orientações de perspectiva geral da área de Linguagens, e específicas, da Educação Física. E, ainda, o Plano Nacional de Educação (PNE) - Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 -, documento com validade de 10 anos que determina metas e estratégias para realizá-las dentro deste período, as quais tem o objetivo de melhorar a qualidade da educação, dando foco para atender as necessidades e suprir as carências educacionais do país.

Venho a seguir, descrever certos fatores da etapa de seleção das informações. Quanto à análise documental selecionamos as informações a partir das seguintes categorias de análise: currículo escolar, área de linguagens, Educação Física, esportes de aventura na natureza, práticas corporais alternativas e na natureza, e surfe. Após leituras sucessivas e sistemáticas, foram realizadas análises individuais sobre o conteúdo de cada um dos documentos (LDB, BNCC, PNE). Trazendo, a partir disso, apontamentos e relações entre esses documentos.

Juntamente a estas ações, realizou-se uma revisão de literatura nas áreas: surfe como esporte; história do surfe; currículo escolar brasileiro; conteúdos escolares; cultura; escola;

esporte na escola; Educação Física; práticas pedagógicas; abordagens pedagógicas da Educação Física; práticas corporais na escola; surfe na escola; surfe; pedagogia do surfe; escola e sociedade; escola e cultura. Esta coleta resultou em um banco de dados amplo, exceto na área do surfe como parte pedagógica e no ensino escolar. Os artigos, teses, dissertações, monografias e livros foram arquivados e fichados a partir das características e conteúdos principais, como: título, resumo, referências e citações de interesse, preparando as informações, categorizando, descrevendo e interpretando-os, como meio de facilitar a leitura e utilização no desenvolvimento da monografia. Já que após filtrá-los fomos capazes de reduzir a gama de assuntos pertinentes, possibilitando um melhor aproveitamento das fontes literárias e documentos escolhidos.

Os artigos, dissertações e afins que auxiliaram o desenvolvimento dos assuntos foram retirados do Portal de Periódicos CAPES, Scielo, Google Acadêmico e de revistas online da Educação Física, como RBCE (Revista Brasileira de Ciências do Esporte), Recorde (Revista de História do Esporte), Licere (Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer), Motriz (Revista de Educação Física), e RBEFE (Revista Brasileira de Educação Física e Esporte). O número de plataformas que foram utilizadas foi bastante grande, visto o escasso número os artigos, teses e dissertações que trazem especificamente sobre o surfe dentro da área a qual busquei tratar. A revisão demonstrou que os estudos sobre esse esporte no contexto educacional ainda é inicial apesar da atual popularidade do esporte.

Para a contextualização do surfe, também foram acessados sites de instituições nacionais e internacionais de surfe, a fim de entender a estruturação do esporte no mundo, além de documentários sobre a parte histórica e de vídeos de aulas já ministradas em torno do assunto, encontrados na plataforma YouTube.

Para ponderar os materiais utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin que tem por objetivo “a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem” (BARDIN, 1977, p.46).

Em outras palavras temos que:

[...]A compreensão do contexto evidencia-se como indispensável para entender o texto. A mensagem da comunicação é simbólica. Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração. É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem (MORAES, 1999, p.3).

Desta forma, segundo Moraes (1999, p.3) “a análise de conteúdo, é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação.”

Para tanto, tendo como recorte espacial a ilha de Santa Catarina, Florianópolis, o contexto sociocultural local foi utilizado como parâmetro para as argumentações, visto que, substancialmente, a cultura local apresenta-se como uma cultura do surfe, percebendo-o como meio intrínseco à vida dessa comunidade e de responsabilidade dela uma continuidade aos valores, ideais e elementos desse esporte, de acordo com Carvalho e Mondo (2010) e Segabinazzi (2011). Além do interesse da pesquisadora pelo tema da pesquisa ter iniciado nesta cidade e pode ser vivenciado nesse contexto, ao ponto que possa ser observada quase que da mesma forma ao longo do território nacional.

## **2.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Tendo em vista as propostas de ensino, o surfe surge como potente forma de tratar questões diversas. Por exemplo, esse é classificado como esporte de aventura na natureza, onde sua prática efetiva acontece na água; é importante para desenvolver habilidades e percepções intelectuais, físicas e psicológicas que tem ênfase apenas nessa modalidade; além disso, essa vem desenvolver a autoconfiança e independência pessoal aos praticantes, já que por ser um esporte de aventura produz no ser humano sentimentos de medo e superação; é capaz também de fortalecer valores relacionados a estereótipos, preconceitos, diversidade, vivências, valores, saúde, natureza, ambiente, sociedade, cultura e cultura corporal de movimento. Desde que seja desenvolvido devidamente.

Apesar de poucos, a maior parte das publicações encontradas sobre esse tema engloba questões como treinamento, história, marketing, movimento e mídia. Entretanto, foi possível perceber que aos estudos sobre surfe como conteúdo escolar, ainda são minoritários. Portanto, o cenário demonstra a necessidade de trabalhos que se voltem para esse assunto, a partir da consulta de documentos, arquivos e leis que abordam sobre os conteúdos escolares e da educação física, bem como artigos que tratem das questões da Educação Física Escolar na perspectiva cultural, principalmente local, como nas abordagens crítico-superadora e crítico-emancipatória e sobre o surfe como prática histórico-sociocultural.

### **2.2.1 Surfe: história, características e Educação Física Escolar**

São vastos os artigos em que a história do surfe encontra-se descrita, porém cada um deles apresenta uma ou mais origens distintas dessa prática. Enfim, não se pode confirmar onde e como começou, visto que a datação dos fatos é incerta e os registros escassos, tem-se possibilidades a partir de versões históricas, mas que possuem alguns pontos em comum sendo estes levados em consideração neste estudo<sup>1</sup> e estão presente no imaginário do surfe.

O primeiro registro identificado tem a data no ano de 1777, registrada pelo navegador inglês James Cook, que descreveu os nativos “deslizando sobre as ondas” em sua chegada ao Haváí (BITENCOURT et al., 2005). A prática descrita por Cook constituía uma expressão

---

<sup>1</sup>Cabe destacar que o presente estudo não se desenvolve a partir de paradigmas da História

cultural muito antiga dos polinésios e que representava hábitos da realeza daquele povo. Porém, nesse mesmo período os colonizadores e missionários europeus reprimiram a versão primitiva do surfe que era praticada naquele tempo, fazendo com que ela praticamente se extinguisse (MOREIRA, 2009).

Mais tarde, temos como figuras ilustres para a institucionalização do esporte Alexander Hume Ford, que seria o criador do primeiro clube de surf, o *Outrigger Canoe Club* fundado no ano de 1908, em Waikiki, e responsável pela divulgação da modalidade através da veiculação midiática da época (CLUB, 2019) e Duke Kahanamoku, que foi um grande medalhista olímpico nos anos de 1912, 1920 e 1924 e é considerado o pai do surf moderno (WARSHAW, 2003 apud MOREIRA, 2009, p.11), base do esporte atual. Os nomes citados foram fundamentais para que o surfe fosse inicialmente conhecido e reconhecido como prática esportiva.

De acordo com Bitencourt et al. (2005, p.411) em “Uma investigação levada a efeito por Marcello Árias, embasado também em outros dois pesquisadores, Alex Gutemberg e Diniz Iozzi, ressalta o surgimento do surfe brasileiro neste período[...]” Concluiu o surgimento do surfe no Brasil na década de 1930, a qual possui duas vertentes protagonizadas por pessoas distintas, mas que esse autor considera ambos como protagonistas, tendo Thomas Rittscher como o primeiro estrangeiro a surfar no Brasil, e Osmar Gonçalves, como o primeiro *shaper*<sup>2</sup> e surfista brasileiros.

Ainda segundo Bitencourt et al. (2005, p. 411) foi criada em 1964:

[...]a *International Surfing Federation–ISF* promoveu a união de várias nações e organizou os campeonatos subsequentes. Em 1976, no Havaí, a ISF dá lugar à *International Surfing Association-ISA* (Associação Internacional de Surfe), entidade sem fins lucrativos, que passa a administrar o surfe no mundo, sendo em 1995 reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional-COI.

Após esse feito instaurou-se um movimento de expansão do surfe como esporte. Em diversos lugares do mundo passaram a ser criadas associações e federações, responsabilizadas pela criação e organização de campeonatos, o que também fomentou ainda mais a disseminação e a curiosidade da população pelo conhecimento da modalidade, ampliando o número de praticantes e simpatizantes. Com a difusão acelerada do esporte ao longo de sua

---

<sup>2</sup> Aquele molda e fabrica pranchas.

história algumas barreiras surgiram, principalmente devido ao contexto dos lugares e das épocas pelo qual perdeu seu início, até que houvesse a verdadeira sobrevivência e manutenção do esporte conhecido atualmente.

A partir destes pressupostos históricos até os dias atuais o esporte vem modificando em todos os âmbitos (técnicas de movimento, performance, tecnologia, marketing, equipamentos, competições, premiações), sendo o surfe hoje uma das modalidades mais conhecidas e vivenciadas, “o esporte náutico mais praticado no mundo (BITENCOURT et al., 2005, p.413)”.

De acordo com a *International Surfing Association (ISA)*<sup>3</sup>, o surfe é o esporte em que a principal força transmissora do movimento é uma onda, sendo ela advinda de fontes naturais, no caso de oceanos e rios ou artificiais, em piscinas. Além da onda existem outros diversos fatores que influenciam em sua prática, como variações climáticas, equipamentos, conhecimentos sobre o ambiente e sobre o próprio esporte, “regras” da prática, noções de sobrevivência, questões psicológicas, enfim uma série de âmbitos.

Tendo em vista que a pesquisadora é praticante regular do surfe, a seguir estão descritas como este esporte se desenvolve no seu espaço de prática, o mar. As ondas são provenientes de ondulações que podem ser provocadas por tempestades oceânicas ou pela ação dos ventos, unidas a fatores como: temperatura e deslocamento de ar, forças provenientes do movimento da Terra e pressão atmosférica. Ao chegarem próximas a costa a base da ondulação atinge o solo marinho e essa inicia o processo de quebra, chamada área de rebentação das ondas. A área de rebentação varia de acordo com o tipo de fundo (areia, pedra e recife de coral), tamanho da ondulação, profundidade e posição em relação a direção da ondulação, esses fatores também influenciam na qualidade da onda e surfabilidade da mesma assim como o vento, corrente e maré (MOREIRA, 2009).

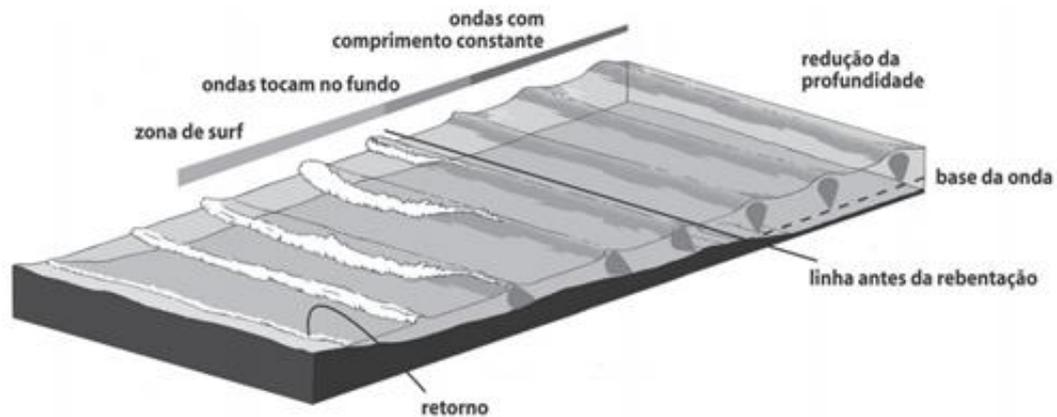
Concluimos então, a partir daí, o motivo de Florianópolis ter uma vantagem em relação a prática do surfe. A cidade é uma ilha com praias em todas as posições e com uma geografia de costa e fundo marinho muito diversificado, além de se encontrar quase que completamente virada ao mar aberto do oceano atlântico e recebendo uma grande quantidade de *swells*<sup>4</sup> de diferentes intensidades ao longo das estações do ano.

---

<sup>3</sup> Associação Internacional de Surfe, autoridade máxima de organização do esporte surfe a nível mundial.

<sup>4</sup> Refere-se as ondulação do mar

FIGURA 1 - Área de rebentação das ondas



Fonte: (MOREIRA, 2009, p.28.)

Ao passo do que foi descrito, temos o ambiente marítimo como sendo bastante variável e imprevisível, as mudanças climáticas costumam acontecer fora do nosso controle, rápidas e frequentes. Nesse momento tem-se a importância do conhecimento sobre aquele ambiente.

Para Souza (2004, p.14):

[...]a tribo nômade do surfe fala mil línguas e se entende em uma só: a paixão pelo esporte. E no dialeto universal do surfe não existem regras, e sim consenso: ama-se a natureza, preserva-se o mar e investe-se na qualidade de vida.

O surfe no que diz respeito às crianças e adolescentes, pode se tornar um grande aliado do processo pedagógico, a relação do sujeito com o ambiente aquático além de desenvolver resistência muscular e cardiorrespiratória, força, flexibilidade pode ser agradável, prazeroso e relaxante. A prática de atividades nesse ambiente apresenta algumas vantagens únicas em relação à prática de atividades no ambiente terrestre. Eles também afirmam que na água as possibilidades aumentam, trabalhando movimentos de maneira diferenciada, nela pode-se vivenciar a flutuação, entender sobre pressão e resistência da água e desta forma utilizar esses conhecimentos e experiências à favor do ensino ( SOUZA JUNIOR e DARIDO, 2007).

Segundo Farias (1993) a criação um elo estreito desse esporte com a educação é bem possível. A escola é um ótimo acesso para a modalidade, e uma nova opção de educação

através de movimento e desenvolvimento de valores necessários nas dimensões culturais, sociais, ética, estética afetiva, cognitiva, de capacidades físicas e condicionamento, tanto de aspectos básicos de qualidade de vida, estimulando o aluno a ter hábitos saudáveis, alimentação adequada e cuidado e empatia pelo meio ambiente, além de que essas valências são encontradas em objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacional da área de Linguagens, Educação Física.

Como afirma Neto e Wendhausen (2010):

[...]No que diz respeito as crianças e adolescentes, o esporte pode tornar-se um grande aliado pedagógico, isso porque desenvolve as habilidades motoras, essenciais para a alfabetização, físicas, pois auxilia no desenvolvimento e crescimento dos mesmos e psicológico porque desenvolve algumas competências como a cooperação, a interação com o outro e com a natureza e a elevação da auto-estima, aspecto tão importante para a construção de sua identidade social. (NETO e WENDHAUSEN, 2010, p.6)

A prática do surfe além dos aspectos físicos e motores, envolve a parte psicológica onde encontra-se relacionada às emoções, as sensações de bem estar ou até mesmo de medos. Essas sensações são provocadas pela liberação dos hormônios no corpo, relacionado ao que é vivido na prática, isso pode influenciar na melhoria da saúde física e mental assim como no controle do estresse, que pode ser afirmado em Steinman (2003, p. 227) já que:

Aliado ao prazer de estar em contato com as forças da natureza, a prática do surfe estimula a produção de endorfinas, entre outras substâncias químicas cerebrais que aliviam o estresse e propiciam, além de uma sensação de bem-estar, uma mudança favorável no estado de humor.

BUENO (2007, p. 142) destaca ainda, que o surfe:

[...]ajuda as pessoas a serem mais felizes. O ato de surfar, ou mesmo de apreciar as ondas, é algo que adoça a vida, relaxa e inspira. No meio dessa vida veloz de cotidiano intenso e tecnologia frenética, feliz é aquele que pode surfar regularmente, aquele que pode respirar a brisa do cheiro do mar e do cheiro da pele queimada de sol. O ato de assistir as ondas quebrando, azul, perfeita, já nos ajuda a tranquilizar o espírito.

Quanto às propostas pedagógicas, Neto (2005 apud Vieira (2012), afirma que as práticas corporais podem trabalhar temas e diversos que seriam facilmente associados ao ensino dos gestos específicos do surfe. Pelo fato do surfe ser um esporte que envolve saberes oriundos de várias áreas de conhecimento e até mesmo saberes retratados em outras

disciplinas escolares. Já que requer além dos fundamentos técnicos do esporte, que o praticante amplie seus conhecimentos referentes a correntes, ventos, marés, ciclos de pressão atmosférica, relações entre aspectos físicos e humanos, equilíbrio dos ecossistemas e seu reflexo na qualidade em nossas vidas. “[...] O autor também cita temas como primeiros socorros no mar, alimentação, preparação física, ética e educação ambiental e sustentabilidade[...]” (NETO, 2005 apud VIEIRA, 2012, p.21)”.

Como afirma Rolim (2010):

Surfar requer um entendimento das condições climáticas, de correntes e de marés. Cria-se uma relação mais próxima com a natureza, compreendendo algumas dinâmicas do ecossistema marinho e costeiro, além de se perceber como parte dele. O surfista se depara com experiências no meio natural que podem transformar sua consciência ecológica. (ROLIM; 2010, p.24)

O surfe, por ser uma prática onde o contato com a natureza acontece diretamente, atua despertando a responsabilidade do sujeito surfista para com o meio ambiente e as questões ecológicas, favorecendo o fortalecimento da consciência ambiental.

Para Amaral e Dias (2008):

O surfe é um esporte representado por um forte sentido de busca e de reencontro com a natureza. A forma pela qual se costuma representá-lo quase sempre evoca a ideia de uma “comunhão com a natureza”. Trata-se de representações solidamente estabelecidas e que equacionam esse esporte sempre nos diálogos com uma aguda sensibilidade ecológica. (AMARAL e DIAS, 2008, p.41)

Dentre as estratégias para tal, pode-se realizar em uma ação conjunta, mutirões de limpeza, caminhadas e trilhas ecológicas orientadas, reconhecimento dos ecossistemas onde acontecem as aulas, cultivo de hortas para produção de seus próprios lanches, separação do lixo, criação de equipamentos para a prática através de reciclagem etc. Tudo como estratégia para o melhor entendimento deles acerca do assunto.

Portando, para Vieira (2012):

[...]o surfe acaba por constituir um ótimo conteúdo para se trabalhar nas aulas de Educação Física em escolas e projetos associados à educação e esportes em cidades litorâneas, por ser o mar, uma realidade presente no dia-a-dia do indivíduo. Além de possibilitar experiências diversificadas, proporcionar sensação de prazer e contato com a natureza. No entanto o que encontramos é um processo demorado e desvinculado às teorias didático-pedagógico da educação. (VIEIRA, 2012, p.22)

Essas questões são fortes aliadas para a inserção do surfe no currículo escolar de escolas litorâneas. Na prática é quando realmente percebemos o nosso impacto e o quanto nossos comportamentos influenciam e atingem o ambiente em que vivemos. Através da observação daquilo que se faz é que a consciência se torna palpável e mais possível. Na educação das crianças um melhor entendimento se dá pela concretude das coisas, sendo esta uma maneira eficiente de se apresentar a variedade da natureza e criar um entendimento sobre o meio ambiente por meio de questões ecológicas. Tornando, assim, intrínseco a essas crianças esse esclarecimento e fazendo da preservação do nosso planeta um hábito de vida benéfico para todos.

O surfe é a prática comumente reconhecida como aquela em que o sujeito, surfista, desliza, flutuando sobre a onda com a utilização de equipamentos próprios para isso. Originalmente o esporte surgiu como prática cultural e por esse motivo está entranhado de valores e significados, pensando dessa maneira o surfe não se apresenta apenas como prática, ele possui todo um contexto histórico-sociocultural. Diante disso, o surfe apresenta elementos que o possibilitam incluir nos conteúdos da Educação Física escolar como objeto da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992) e/ou cultura corporal de movimento (KUNZ, 2004).

Por Segabinazzi (2011), o surfe integra uma tribo que é representada por figuras de indivíduos, estes denominados surfistas, e que agregam um estilo de vida baseado em ideais como: amor ao esporte, comunhão com a natureza, saúde e qualidade de vida e estado de espírito. Estes ideais possuem diversos elementos desde linguagens próprias, estilos musicais, vestuário, acessórios, equipamentos a marcas e movimentações econômicas. Estes são capazes de proporcionar relações mútuas entre o sujeito, o mar e a natureza tornando as experiências e vivências abrangentes. Por este lado, juntamente com a prática deste esporte e o que compõe a tribo, se constituem o que chamamos de cultura do surfe, essa cultura visto seus ideais e valores possui simpatizantes, o que a aproxima das demais vivências da sociedade e não sendo composta apenas por aqueles que praticam.

De acordo com o documentário Pegadas Salgadas (2012), o surfe surgiu em Florianópolis por volta da década de 1970 e se protagonizou com eventos esportivos, como o Festival Olympikus (nacional) em 1982. Posteriormente, os campeonatos OP Pro<sup>5</sup> em 1985 e

---

<sup>5</sup> Campeonato de surfe realizado pelo marca patrocinadora Ocean Pacific (OP).

Hang Loose<sup>6</sup> em 1986 (primeiro campeonato internacional) possibilitaram a visibilidade da capital Florianópolis (Floripa) ao mundo.

Nos anos de 1970, Florianópolis ainda não havia sido totalmente explorada pelos surfistas, muitas praias onde atualmente temos picos<sup>7</sup> para surfar eram desconhecidas. De acordo com surfistas da época, em certo dia quando se dirigiam à Praia do Matadeiro, em busca de ondas, depararam-se com a impossibilidade de usar umas das vias principais de acesso, fazendo com que os mesmos buscassem caminhos alternativos e nessa tentativa, encontraram a Praia do Campeche, coincidentemente em um dia de boas ondas. Pensando por este lado tem-se o surfe como contribuinte ao desbravamento da ilha. Entre outros aspectos, com a formação de indústrias voltadas para o segmento, desenvolveu-se um comércio que atualmente compõe mais de cento e cinquenta lojas e tendo Florianópolis como a cidade com mais *shapers* do mundo (PEGADAS SALGADAS, 2012).

O surfe vem “[...] movimentando negócios em diversos estados brasileiros, principalmente, na cidade de Florianópolis-SC, com média de um surfista praticante para cada grupo de vinte moradores (BITENCOURT ET AL, 2005, p.413)”. A partir das afirmações de Bitencourt et al.(2005) e Pegadas Salgadas (2012), entendemos como a cultura do surfe se instala e compõe desde estilo de vida à formação dos princípios dos sujeitos da maior parte dos florianopolitanos. De acordo também com o que foi assistido no documentário Pegadas Salgadas (2012), a educação da ilha muda com o crescente número de simpatizantes, o respeito pela natureza cresce, assim como o respeito e o cuidado ao outro, lembrando também que a educação pelo surfe se dá de geração para geração.

Tendo em vista este breve panorama sobre como o surf está intimamente envolvido na cultura florianopolitana, destacamos o pensamento de Carvalho e Mondo (2010, p.79):

As modificações exercidas pelo crescimento demográfico de Florianópolis influenciam também na cultura e economia local[...]. Estas modificações introduzem novos hábitos que, por vezes, substituem antigas crenças e rituais praticados por gerações anteriores as atuais. A sociedade acaba desenvolvendo novos costumes que se misturam com suas raízes o que pode tornar-se benéfico ou prejudicial dependendo da intensidade e qualidade destas mudanças. (CARVALHO E MONDO, 2010, p.79/80)

---

<sup>6</sup>Campeonato de nível internacional, considerada uma etapa do campeonato mundial de surfe, patrocinado pela marca Hang loose e denominado Hang Loose Pro Contest.

<sup>7</sup>Locais nas praias onde as ondas quebram de maneira propícia para a prática do surfe.

Na perspectiva de que o crescimento demográfico causa modificações e que essas são capazes de influenciar muitas áreas de conhecimento, penso que as pessoas envolvidas precisam estar em constante sincronia e conscientes desse processo. Essas alterações, são fruto das modificações da sociedade, tendo influência daquilo que foi produzido pelas antigas e que está sendo produzido pelas novas gerações. Sobre esse assunto, é preciso investimentos sólidos na qualidade e na ampliação da educação da população, para que haja um melhor aproveitamento das modificações e conhecimentos geradas pelas tradições, sendo estas, variáveis essenciais ao acesso do que é gerado pelas comunidades.

### **2.2.2 As abordagens críticas da Educação Física Escolar**

Neste tópico, à partir da leitura de duas importantes obras da área da Educação Física Escolar, nomeadas Metodologia do Ensino da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992) e Transformações Didático-Pedagógicas do Esporte (KUNZ, 1996), buscou-se elucidar dois conceitos e duas abordagens pedagógicas. Tendo o intuito de posterior compreensão das proposições pedagógicas do conteúdo surfe, visto que essas foram as abordagens críticas utilizadas para trazer o desenvolvimento desta prática como instrumento de ensino-aprendizagem.

A área da Educação Física não trata apenas de movimentos corporais, e sim de uma linguagem corporal, repleta de sentidos e significados, tendo dessa maneira importante relação com as concepções críticas da educação, as quais estão baseadas na preocupação da exploração do papel social da educação, com intervenções que sejam capazes de perceber as práticas a partir da dimensão de compreensão, produção e reprodução, principalmente da cultura. Dessa maneira Nogueira (2005), diz que:

[...]uma técnica esportiva não é apenas uma forma de executar um movimento de maneira mais eficiente, mas também é resultado das marcas sociais impressas no corpo. Consequentemente, atuar sobre o corpo significa atuar sobre os princípios e valores que regem determinada sociedade. (NOGUEIRA, 2005, p.204)

Dentro dessa perspectiva, o que se produz nas aulas de Educação Física Escolar atualmente está relacionado ao conceito de cultura corporal de movimento, esta serve como objeto de estudo e intervenção, sendo ferramenta fundamental para levar em consideração que as técnicas aprendidas culturalmente têm significados diferentes. Isso porque variam de acordo com os sujeitos que a vivenciam, e evidenciam a importância de tratar diferentes dimensões de um mesmo conhecimento.

Sobre Educação Física, Bracht (2003 apud SOUZA JÚNIOR et al. 2011, p.396), “[...] afirma que sua especificidade deverá se relacionar, de forma direta, com a sua função social, nos remetendo às práticas corporais que passam a ser entendidas como formas de comunicação que constroem cultura e é influenciada por ela”.

Portanto, pensando dessa forma a Educação Física Escolar, como campo de conhecimento, é facilitadora no tratamento de temas amplos e variados, já que, de acordo com Betti (1992), o que irá possibilitar a utilização de uma cultura corporal de movimento deve abranger os âmbitos afetivos, sociais, cognitivos e motores, estando esses presente nas aulas de Educação Física. Ainda sobre esse assunto diz-se que “(...) os conteúdos, presentes na cultura corporal de movimento, são produções humanas carregadas de sentidos e significados (ALVES, 2003, p. 96)”. O que possibilita trazer como conteúdo para o ensino-aprendizagem muito do que diz respeito à vida em sociedade, trazendo a realidade daqueles que nela encontram-se, fazendo com que se sintam empenhados em absorver e apropriar-se de seus conhecimentos

Atualmente a Educação Física Escolar está baseada em diferentes abordagens pedagógicas do ensino. Neste estudo apresento duas como sendo de fundamental importância, sendo essas denominadas crítico-superadora e crítico-emancipatória. Ambas aparecem no decorrer da pesquisa servindo como alicerce de argumentação às funções estabelecidas na Educação Física escolar e ao conteúdo pedagógico do surfe.

A pedagogia crítico-superadora foi criada pelo coletivo de autores e está presente no livro Metodologia do Ensino da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Nessa busca-se esclarecer através de questões epistemológicas e metodológicas os conhecimentos que devem compor o conteúdo e a forma de transmiti-los, além de conceituar e afirma a ideia de cultura corporal. E desenvolve-se um ensaio pedagógico acerca dos bens produzidos pelos seres humanos ao longo da história, que são manifestados pelas expressões corporais, sendo os principais objetos de ensino da educação física.

Essa abordagem visa instigar o aluno a produzir suas próprias atividades corporais, trazendo assim novos temas e conteúdos para a aprendizagem e seu sentido pessoal dentro das

próprias experiências de vida, além disso, ainda afirma que cada aluno é particular e, portanto, possui seu ritmo para a aprendizagem (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A partir da perspectiva da compreensão crítico-superadora entende-se a aula:

[...]como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social. A aula, nesse sentido, aproxima o aluno da percepção da totalidade das suas atividades, uma vez que lhe permite articular uma ação (o que faz), com o pensamento sobre ela (o que pensa) e com o sentido que dela tem (o que sente). (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.62/63)

Além da concepção pedagógica crítico-superadora temos outra abordagem, a crítico-emancipatória, que traz como temática principal a cultura corporal de movimento e “[...] precisa, na prática, estar acompanhada de uma didática comunicativa, que se orienta pelo desenvolvimento de uma capacidade questionadora e argumentativa consciente do aluno sobre os assuntos abordados em aula (KUNZ, 2004)”. Ao que foi afirmado, a linha de pensamento incita o processo educacional como necessariamente atrelado às ações comunicativas, podendo-se presumir que no meio escolar essas ações devem ser desenvolvidas, pois é essa didática comunicativa que “deverá fundamentar a função do esclarecimento e da prevalência racional de todo agir educacional (KUNZ, 2004, p.31)”. Além disso Kunz (2004) também enfatiza sobre a questão da construção de pensamentos e reflexões críticas, onde se aprenda a desenvolver a capacidade de participar e problematizar a construção dos significados e sentidos, visando a emancipação dos sujeitos.

O aluno enquanto sujeito do processo de ensino deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas também de reconhecer e problematizar sentidos e significados nesta vida, através da reflexão crítica. (KUNZ, 2004, p. 31)

O autor afirma em sua abordagem que as situações da educação física devem visar a compreensão dos Esportes pelo sentido de movimentar-se, portanto sendo estudadas, desenvolvidas e construídas, desencadeando um processo de conhecimento do outro e de si.

Kunz (1996, p.144), objetiva “uma educação mais emancipadora, voltada para a formação da cidadania do jovem do que de mera instrumentalização técnica para o trabalho”, sendo assim a aula torna-se um espaço para a construção dos conhecimentos e não apenas a reprodução desses.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Os documentos da educação: possibilidades do surfe**

Como resultados ao que foi analisado sobre os documentos que regem o sistema de educação brasileiro temos na Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014, o Plano Nacional da Educação (PNE), estabelecido das metas e estratégias que devem guiar as iniciativas acerca da educação no país, seu principal objetivo é de conduzir a execução dessas metas da melhor forma possível, para melhorar a qualidade da educação brasileira. O PNE estabelece 20 metas e as estratégias para realizá-las, as quais cada unidade da federação deve elaborar especificidades considerando as necessidades locais.

Levando em consideração a meta 2, estratégia 2.13 deve-se “promover atividades de desenvolvimento e estímulo a habilidades esportivas nas escolas, interligadas a um plano de disseminação do desporto educacional e de desenvolvimento esportivo nacional” (BRASIL, 2014). Ao qual a educação física escolar tem um papel extremamente relevante, através dela temos também, meta 3, estratégia 3.4, que seja possível “garantir a fruição de bens e espaços culturais, de forma regular, bem como a ampliação da prática desportiva, integrada ao currículo escolar; (BRASIL, 2014)”. Essa ampliação vai ao encontro com o que podemos encontrar na BNCC e que diz respeito a elaboração dos currículos e sua expansão.

Muitas escolas públicas e particulares também acumularam experiências de desenvolvimento curricular e de criação de materiais de apoio ao currículo e “[...] inventariar e avaliar toda essa experiência pode contribuir para aprender com acertos e erros e incorporar práticas que propiciaram bons resultados” (BRASIL, 2018, p.18).

Seguindo com a legislação do sistema educacional brasileiro temos a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) que é responsável também por regulamentar o sistema educacional brasileiro, tanto público quanto privado. De acordo com Brasil (1996, p.12) o inciso IV do Art.9 “a União incumbir-se-á de:”

IV – estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum. (BRASIL, 1996, p.12)

Ou seja, estabelece-se a obrigatoriedade de conteúdos base ao currículo das instituições educacionais nas suas diversas modalidades, ao passo de que não o torna restrito apenas à esses conteúdos, tendo a liberdade de através de suas propostas pedagógicas ampliar a gama de conhecimentos. Como descrito no

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996, p.19)

Hierarquicamente, abaixo da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) encontra-se a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), um documento que como o próprio nome diz, define os conteúdos curriculares base que devem ser desenvolvidos ao longo das etapas educacionais.

Segundo ele,

[...]os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais. (BRASIL, 2018, p.15)

Levando em consideração a extensão do território brasileiro, temos um país repleto de diferenças e desigualdades, exaltando dessa forma a grande importância da BNCC, ela torna o sistema educacional mais igualitário onde deixa claro os conhecimentos gerais que devem ser seguidos por todas as instituições educacionais da nação e ao mesmo tempo abre a possibilidade de levar em conta as singularidades tão encontradas na nossa realidade.

Seguindo as determinantes por ela estabelecidas, é também responsabilidade das instituições de ensino criar sua autonomia de maneira competente, incluindo ao seus currículos e propostas pedagógicas temas diversificados que estejam presentes na sociedade, principalmente local, para que atendam às especificidades, para que todo o tipo de conhecimento dali adquirido possa ser nitidamente percebido e, portanto, posto em prática. “A escola, [...] deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.43)”, para que aquele aluno seja capaz de perceber, atuar e vivenciar aquilo que está aprendendo dentro da instituição escolar.

### **3.2 As abordagens críticas da Educação Física escolar: o currículo**

Falando agora sobre o que as aulas de Educação Física escolar tratam, questionamentos vêm à tona, dentre estes: Quais temas podem ser tratados nas aulas de educação física escolar? E se não for tratado na educação física escolar, por qual disciplina esse tema poderia ser tratado na escola? De acordo com Brasil (2018), os professores devem eleger critérios para seleção dos conteúdos, sendo estes: relevância social, características dos alunos e características da própria área. Já os conteúdos são organizados em três blocos: esportes, jogos, lutas e ginástica; atividades rítmicas e expressivas; e conhecimento sobre o corpo, que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo ensino fundamental.

De acordo com as concepções pedagógicas, o currículo deve representar o trajeto do homem em seu andamento para a apreensão dos conhecimentos. Tendo a função social como foco, o currículo tem o papel de organizar conhecimentos para que estes sigam uma lógica e desencadeiem no aluno, de forma mais simples e sequencial o pensar e refletir sobre os assuntos. “Por essas considerações podemos dizer que os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções objetivos da sociedade” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.42).

Pensando na Educação Física e seus objetivos a serem atingidos por meio das práticas e expressões corporais, entendendo-as como cultura produzida pelo corpo e pelo movimento humano,

fica evidente que para essa compreensão do esporte os alunos devam ser instrumentalizados além de capacidades e conhecimentos que lhes possibilitam apenas praticar o esporte. Nesse sentido, é de mais alta importância, sem dúvida, a competência comunicativa que lhes possibilita comunicação, não apenas sobre o mundo dos esportes, mas para todo o seu relacionamento com o mundo social, político, econômico e cultural. (KUNZ, 2004, p.29/30)

De tal forma, para a escolha dos conteúdos, seja a dança, os jogos, os esportes, dentre outros, é importante que além das referências científicas, utilize-se aquelas do cotidiano, articulando-as a fim de ampliar desta maneira as apropriações e capacidades intelectuais dos alunos. Já que como afirma o Coletivo de Autores (1992, p.43) “o aprofundamento sobre a

realidade através da problematização de conteúdos desperta no aluno curiosidade e motivação, o que pode incentivar uma atitude científica”.

Visto o que foi dito anteriormente reconhece-se que o conhecimento absorvido pelo aluno é a fusão do que ele aprende nas diferentes esferas do conhecimento. Principalmente por esse motivo, deve-se evitar que algo seja suprimido. Logo, é necessário que se disponha da maneira correta aquilo que está sendo transmitido, através de um trato pedagógico adequado. Sobre os conteúdos da Educação Física:

[...]na escola o esporte assumirá outros valores: buscar a inclusão de todos na sua prática, favorecer ao ensinamento dos valores morais e sociais preparando-os para a vida, possibilitar situações prazerosas e marcantes, contribuir para aquisição do gosto pelo esporte e pela atividade física (MORENO, 2006, p.146)

Ao encontro do que foi afirmado anteriormente, a escola como instituição da sociedade, tem a responsabilidade de debater sobre todos os temas encontrados nessa sociedade. Além disso, temos na escola, a Educação Física onde o papel é também o de discutir sobre tudo, mas acima disso, através da cultura corporal de movimento, esporte e atividade física, fazendo do aluno um sujeito autônomo capaz de criticar, reinventar e produzir o conhecimento (KUNZ, 2004). Sendo assim cabe à Educação Física (CASTELLANI FILHO, 1997, p. 12) “[...] proporcionar a intervenção autônoma, crítica e criativa do aluno em sua realidade social, de maneira a modificá-la, tornando-a qualitativamente diferente daquela existente.”

### **3.3 As etapas da educação**

Dentro das etapas da educação reconhecidas pela BNCC e que serão aqui enfatizadas, temos: a educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Nelas apresentamos a obrigatoriedade dos conteúdos e a perspectiva de ensino do surfe sob o olhar do que é preconizado pelas abordagens crítico-superadora e crítico-emancipatória.

#### **3.3.1 O surfe na etapa da educação infantil**

A educação infantil constitui a primeira etapa da educação básica e para garantir o desenvolvimento e aprendizagem ideal estabelece cinco campos para tal: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Onde cada um desses tem definido objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, nas diferentes faixas etárias. Idealizando a inserção do surfe na escola e levando em consideração os campos citados acima e seus objetivos, temos alguns deles e como o surfe poderia estar presente:

**Corpo, gestos e movimentos** - Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade.[...]Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. (BRASIL, 2018, p.40/41)

É como corpo que a criança, nessa fase, pode explorar e ampliar seu repertório lingüístico e de movimentos, se descobrindo e descobrindo o espaço, seguindo o que se propõe. Para o surfe, nesse caso, estaria o conhecimento da modalidade através da ludicidade, trazendo um contato com objetos/equipamentos utilizados pelo esporte, assim como o contato do corpo com sensações, como sentir a textura da areia da praia e da água salgada, diferentes temperaturas de ambos elementos, o som das ondas do mar. No contato do corpo com o espaço dessa prática, iniciar uma vivência mesmo que inconsciente, ambientalizando aquela criança, tornando isso parte daquele indivíduo.

**Traços, sons, cores e formas** – Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. (BRASIL, 2018, p.41)

Tais vivências desenvolvem na criança um senso de respeito e admiração pelas produções culturais, além de desenvolver e permitir que elas criem gosto e se apropriem disso permanentemente. Direcionando ao surfe pode-se proporcionar a essas crianças aulas de música onde a *surf music* encontra-se presente, com instrumentos característicos, a

observação de objetos ligados à cultura do surf, danças, fotos, pinturas, onde seja possível a observação assim como a execução desses elementos pelas próprias crianças.

**Escuta, fala, pensamento e imaginação** - [...]As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro.[...]Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2018, p.42)

Nessa aproximação com as diversas formas de linguagem a criança cria um gosto, um hábito para desenvolver as formas de representação da língua, sendo ela ilustrativa, descritiva, sonora e imaginativa. É através disso também que elas podem melhor se expressar e compreender tudo que as rodeia. Pensando em introduzir o surfe como conteúdo e tendo como objetivo desenvolver através dele essas questões, seria válido trazer livros e histórias lúdicas sobre o surfe com personagens de interesse à faixa etária encontrada, assim como filmes, teatros, desenhos, músicas e interpretações delas. Enfim uma gama de ferramentas que estão ao alcance e que abrem novas oportunidades dentro da escola, podendo aproximar e ganhar o interesse dos alunos.

**Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações** - As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. [...] Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BRASIL, 2018, p.42/43)

Trazendo novamente essas questões para o universo esportivo do surfe, ao se tratar de uma prática que se situa preferencialmente no mar e, assim, na praia, temos essa como um ótimo instrumento ao se tratar de espaços, tempo, quantidades, relações e transformações. Ao pensar em exemplos temos como situar os alunos sobre o local desse esporte, trazer elementos dele quando não houver a possibilidade de presenciar, fazer essas crianças sentirem,

compreenderem, perceberem os elementos do local. Dessa maneira tornar a experiência com o surfe parte do cotidiano, um costume intrínseco desde cedo.

### **3.3.2 O surfe na etapa do ensino fundamental**

Nessa etapa do ensino a BNCC sistematiza os conteúdos base de ensino ao determinar a existência de unidades temáticas e os objetos de conhecimento que pretendem ser abordados em cada uma delas, respeitando os anos escolares dos estudantes e as habilidades a serem retratadas nesses. Explorando mais a fundo fomos ao encontro ao que diz respeito ao ensino na educação física, disciplina que compõe o currículo e que tem as práticas corporais e suas diversas formas de codificação como item central.

No que diz respeito a essa pesquisa, buscou-se identificar onde, nessa gama de unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades, o surfe poderia estar. Para melhor compreender, sabemos que esse é um esporte radical que ocorre na natureza, podendo se encaixar na unidade dos esportes, posteriormente, foi possível identificar uma unidade temática denominada “práticas corporais de aventura”, nela:

[...]exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. [...] As práticas de aventura na natureza se caracterizam por explorar as incertezas que o ambiente físico cria para o praticante na geração da vertigem e do risco controlado, [...]. (BRASIL, 2018, p.218/219)

Dessa maneira temos uma unidade temática e um objeto de conhecimento onde o surfe se encaixa no currículo: práticas corporais de aventura na natureza que devem ser desenvolvidas segundo a BNCC no 8º e 9º ano do ensino fundamental e também podendo se encaixar nos demais anos do ensino escolar nos esportes técnico-combinatório que profissionalmente falando “englobam as modalidades onde a ação motora se compara aos padrões da técnica de execução daquela ação (BRASIL, 2018, p.216)”. No qual na escola faz uso da vertente lúdica, enfatizando o lado do esporte escolar e não performático.

A FIGURA 2 se refere as unidades temáticas e objetos de conhecimento dos anos finais do ensino fundamental e a FIGURA 3 faz referência as habilidades objetivadas no 8º e 9º ano nas práticas corporais de aventura na natureza, retratados nos itens EF89EF19, EF89EF20 E EF89EF21.

FIGURA 2 - Unidades temáticas e objetos de conhecimento 8º e 9º ano do ensino fundamental

UNIDADES TEMÁTICAS	OBJETOS DE CONHECIMENTO	
	6º E 7º ANOS	8º E 9º ANOS
Brincadeiras e jogos	Jogos eletrônicos	
Esportes	Esportes de marca Esportes de precisão Esportes de invasão Esportes técnico-combinatórios	Esportes de rede/parede Esportes de campo e taco Esportes de invasão Esportes de combate
Ginásticas	Ginástica de condicionamento físico	Ginástica de condicionamento físico Ginástica de conscientização corporal
Danças	Danças urbanas	Danças de salão
Lutas	Lutas do Brasil	Lutas do mundo
Práticas corporais de aventura	Práticas corporais de aventura urbanas	Práticas corporais de aventura na natureza

Fonte: (BRASIL, 2018, p.231)

FIGURA 3 - Habilidades objetivadas no 8º e 9º ano do ensino fundamental

HABILIDADES
<p><b>(EF89EF16)</b> Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente.</p> <p><b>(EF89EF17)</b> Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas experimentadas, reconhecendo as suas características técnico-táticas.</p> <p><b>(EF89EF18)</b> Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiaticização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem.</p>
<p><b>(EF89EF19)</b> Experimentar e fruir diferentes práticas corporais de aventura na natureza, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais, respeitando o patrimônio natural e minimizando os impactos de degradação ambiental.</p> <p><b>(EF89EF20)</b> Identificar riscos, formular estratégias e observar normas de segurança para superar os desafios na realização de práticas corporais de aventura na natureza.</p> <p><b>(EF89EF21)</b> Identificar as características (equipamentos de segurança, instrumentos, indumentária, organização) das práticas corporais de aventura na natureza, bem como suas transformações históricas.</p>

Fonte: (BRASIL, 2018, p.239)

Ainda em função de investigar o possível tratamento do surfe no currículo escolar temos uma questão apresentada na Base Nacional a qual afirma que é importante enfatizar o oferecimento das práticas corporais em meio líquido mesmo que até a presente atualização do documento não se tenha apresentado uma proposta para sua inserção na educação física, como pode-se conferir a seguir:

[...]é importante sublinhar a necessidade e a pertinência dos estudantes do País terem a oportunidade de experimentar práticas corporais no meio líquido, dado seu inegável valor para a segurança pessoal e seu potencial de fruição durante o lazer. Essa afirmação não se vincula apenas à ideia de vivenciar e/ou aprender, por exemplo, os esportes aquáticos (em especial, a natação em seus quatro estilos competitivos), mas também à proposta de experimentar “atividades aquáticas”. (BRASIL, 2018, p.219)

A BNCC afirma ainda a relevância de se tratar a função social das práticas corporais e outras possibilidades, significando que dependendo da maneira com a qual determinada prática é apresentada formalmente, ela pode e na verdade deve, ser ressignificada pela escola, sofrendo adaptações e sendo condicionada aos limites contextuais de cada instituição. Como pode analisar Brasil (2018, p.215):

Como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele. As práticas derivadas dos esportes mantêm, essencialmente, suas características formais de regulação das nações, mas adaptam as demais normas institucionais aos interesses dos participantes, às características do espaço, ao número de jogadores, ao material disponível etc.

Possibilitando dessa maneira a inclusão do surfe como área de conhecimento, de maneira a encaixá-lo dentro das possibilidades atribuídas por cada instituição escolar.

### **3.3.3 O surfe na etapa do ensino médio**

Após entrar em vigor, a Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 alterou a LDB, e passou a estabelecer que o currículo do ensino médio em sua estrutura fosse organizado em cinco áreas de conhecimento, estando a educação física dentro da área de linguagens e suas tecnologias. O objetivo, dessa nova área está no desenvolvimento das diferentes formas de linguagens, estabelecendo o diálogo delas com as realidades locais, na atualidade e nos acontecimentos e expectativas futuras. Trazendo para a educação física a possibilidade de por meio das práticas corporais dos múltiplos grupos culturais, explorarem a gestualidade e os

movimentos, assim como as dinâmicas sociais, estimulando a capacidade intelectual e de argumentação e o desenvolvimento de gostos, interesses e apreciações nessa área.

Para tanto no ensino médio, conforme Brasil (2018, p.484), a responsabilidade da educação física, além de apresentar uma variedade de práticas, está ligada ao aprofundamento do conhecimento das capacidades corpóreas e de seus limites, a fim de que aquele aprendiz entenda e assuma o papel de responsável por sua saúde e qualidade de vida. Que eles também se tornem participantes e exemplos para a sociedade, difundindo as possibilidades de uso dos espaços públicos e privados para ações de desenvolvimento das práticas corporais, tornando-se não mais um aluno, mas um cidadão independente e adepto a um estilo de vida saudável e ativo.

Ao que se pretende para a aprendizagem da educação física no ensino médio temos seguindo a FIGURA 4, abaixo, o desenvolvimento de tais habilidades:

FIGURA 4 - Habilidades no ensino médio

#### HABILIDADES

**(EM13LGG501)** Selecionar e utilizar movimentos corporais de forma consciente e intencional para interagir socialmente em práticas corporais, de modo a estabelecer relações construtivas, empáticas, éticas e de respeito às diferenças.

**(EM13LGG502)** Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder presentes nas práticas corporais, adotando posicionamento contrário a qualquer manifestação de injustiça e desrespeito a direitos humanos e valores democráticos.

**(EM13LGG503)** Vivenciar práticas corporais e significá-las em seu projeto de vida, como forma de autoconhecimento, autocuidado com o corpo e com a saúde, socialização e entretenimento.

Fonte: (BRASIL, 2018, p.495)

À respeito das habilidade descritas na FIGURA 4, segundo Brasil (2018, p.495)

[...]ao final do Ensino Médio, o jovem deverá apresentar uma compreensão aprofundada e sistemática acerca da presença das práticas corporais em sua vida e na sociedade, incluindo os fatores sociais, culturais, ideológicos, econômicos e políticos envolvidos nas práticas e nos discursos que circulam sobre elas. Prevê também que o jovem valorize a vivência das práticas corporais como formas privilegiadas de construção da própria identidade, autoconhecimento e propagação de valores democráticos. [...]

Na BNCC, para o ensino médio como foi possível observar durante a análise do documento, não encontram-se conteúdos dirigidos e obrigatórios, mas orientações para que se desenvolva nos educandos as habilidades e competências discutidas acima. É de responsabilidade da instituição e dos professores determinar e desenvolver, de maneira coerente em direção aos objetivos, as práticas corporais. “Para o desenvolvimento dessa competência, é fundamental que os jovens experimentem práticas corporais acompanhadas de momentos de reflexão, leitura e produção de discursos nas diferentes linguagens (BRASIL, 2018, p.495)”. Dessa forma a melhor maneira para se trazer o surfe como conteúdo a ser desenvolvido no ensino médio está no diálogo de todas as características dessa modalidade: aspectos históricos, culturais, desportivos, políticos, econômicos e sociais (como descritos no desenvolvimento da pesquisa), com a percepção dos alunos durante as vivências teóricas e práticas na relação esporte, aluno, mediador.

Nessa fase o aluno torna-se mais consciente, crítico, ativo e participativo, capaz de com a ajuda do professor direcionador, aprofundar o pensamento em tais assuntos e se perceber como sujeito atuante. Podendo, a partir, dos valores adquiridos por tal prática corporal, julgar com mais responsabilidade suas ações e atitudes, pensando em si, em sua saúde, autoconhecimento e estilo de vida, ou para ou outros, agindo autonomamente e sendo consciente de seu papel e de suas contribuições para com a sociedade.

Documentos como a Base Nacional Comum Curricular determinam conteúdos básicos a serem tratados em ambiente escolar, porém não trazem, em momento algum, restrições aos temas diferenciados, particulares a cada instituição, possibilitando a esses espaços inovações e características únicas. De acordo com Brasil (1996), apenas sugere-se que as aulas de Educação Física abordem os conteúdos nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais para que o ensino possa ser mais efetivo e motivante. Sendo assim, o tratamento dado aos temas incrementam o sistema de ensino, trazendo um currículo diferenciado e possibilitando a compreensão dos alunos sobre os mais variados assuntos, e que se mostram de grande valia para a construção do intelecto do aluno em todas as etapas do ensino.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão sobre os assuntos abordados na pesquisa identifiquei a recorrente consideração de um currículo escolar que contenha as obrigatoriedades de conteúdo e atenda aos requisitos determinados nas leis. Assim como o incentivo por parte dos documentos (BNCC, PNE, LDB) sobre o tratamento de conteúdos que se julgem importantes em cada instituição de ensino, encontraram-se inúmeras vezes a recomendação e obrigatoriedade de atender as diferenças regionais, visando um sistema de ensino igualitário, mas de forma não engessada, o qual possibilita conhecimentos capazes de serem empregados na vida e na realidade dos alunos.

Identifiquei também nas abordagens pedagógicas crítico-emancipatória e crítico-superadora uma possibilidade didático-metodológica capaz de oferecer um ensino que contribua para a fundamentação da prática pedagógica de professores de Educação Física na escola, onde se construa uma educação formadora de sujeitos críticos e emancipados.

A iniciativa da iniciação ao surf nas escolas, não é a formação de atletas surfistas e sim a experimentação da modalidade em geral, onde todo o contexto do esporte surfe, como já enfatizado ao longo dessa pesquisa, estará envolvido. A educação através do surfe pode estar na conscientização ambiental, cooperação e socialização, promoção da saúde, melhora do aproveitamento escolar, aspectos psicológicos, motores, cognitivos, capacidade de concentração, superação de limites, contato com a natureza, experimentação de sensações, conhecimento de si, autonomia e etc. Acredita-se que por todos esses fatores e nessa perspectiva, o surfe pode contribuir para formação de pessoas mais atuantes, conscientes e responsáveis na melhora da sua qualidade de vida.

É possível considerar que essa pesquisa possibilitou o aprofundamento dos conhecimentos da realidade desse esporte no contexto da educação nacional, e contribuiu para a valorização do surfe como prática pedagógica, visto seu papel relevante em muitos aspectos humanos.

Conhecer mais à fundo a variedade dos conhecimentos de uma determinada prática pedagógica torna mais abrangente o conjunto de saberes para a organização dela na escola e na atuação dos professores para realizá-la. Com a crescente popularização do surfe esses conhecimentos podem ser importantes na transposição dos limites, para uma elaboração segura e de qualidade, na busca do fortalecimento dessa prática corporal esportiva no currículo.

A nível de estudos futuros, sugere-se a expansão das análises sobre o surfe de forma a identificar outras possibilidades de tratar esse esporte como componente regular do currículo nas escolas, dentro da área de conhecimentos da Educação Física, assim como para contribuir com a formação inicial e continuada de professores de Educação Física. Dessa maneira o fomento da pesquisa científica no âmbito é expressivamente imprescindível.

## 5. REFERÊNCIAS

ALVES, V. de F. N. Uma leitura antropológica sobre a educação física e o lazer. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H. F. Lazer, recreação e educação física. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 83-114.

AMARAL, A.V.; DIAS, C.A.; Da Praia Para o Mar: Motivos à Adesão e à Prática do Surfe; Grupo de Pesquisa Esporte, Lazer e Natureza (UFF) Niterói – RJ – Brasil; Licere, Belo Horizonte, v.11, n.3, dez./2008.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977. Disponível em: <<https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitativo%20e%20qualitativo%20IFES/Livros%20de%20Metodologia/10%20-%20Bardin,%20Laurence%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>>

BITENCOURT, V et al. Surfe / Esportes radicais. In: COSTA, Lamartine Pereira da. Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro. CONEF, 2005. p. 411-416. Disponível em: <<http://cev.org.br/arquivo/biblioteca/4013383.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física pra quê? Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Maringá, v. 2, n. 12, p.281-287, fev. 1992.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. Revista Movimento, Escola Superior de EF da UFRGS, ano VI, n.12, p. XIV-XXIV, 2000/1.

BRASIL. Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Plano Nacional da Educação. LEI Nº 13.005/2014. Brasília, 25 de junho de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Versão final. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 19 mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Versão final. Brasília: MEC, 1997. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/BNCC.pdf>> Acesso em: 20. dez. 2017.

BUENO, T. Evolução e retrocesso as raízes. *Alma surf*, São Paulo, v.7, n. 39, p. 142, jul/ago. 2007.

CARVALHO, A. C. B; MONDO, T. S. O valor das ondas: Um estudo de caso sobre a praia do Campeche-Florianópolis na perspectiva de surfistas, moradores e visitantes. *Patrimônio: Lazer & Turismo*, Santos, v. 7, n. 10, p.75-98, abr. 2010. Trimestral. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/index-2.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

CASTELLANI FILHO, L. Política educacional e educação física. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2002.

CASTELLANI FILHO, L. Projeto reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental: uma proposta pedagógica para a educação física. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, 8(1):11-19, 1997. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3867/2693>.

CLUB, O. C. Ocean Sports: Surf. Disponível em: <<https://www.outriggercanooclubsports.com/ocean-sports/surfing/>> Acesso em: 12 abr. 2019

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, C.S.; SOUZA JUNIOR, O.M. Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola. Campinas, SP: Papirus, 2007.

FARIAS, S. F. Crianças no Surf: Uma questão de saúde. Florianópolis: UFSC, CDS, DEF, 1993. Surf: Conteudos para a pratica. Florianópolis: Copyflor, 2000.

GEERTZ, C. 1926. A interpretação das culturas / Clifford Geertz. - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008.

KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. 6. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

KUNZ, E. Transformação didático-pedagógica do Esporte. Ijuí: Unijuí, 1996.

NETO, A.M.; WENDHAUSEN, M. A prática do Surfe e sua Influencia sobre o ensino Infanto- Juvenil; 2010. Instituto Catarinense de Pós-graduação – ICPG Curso de Pós-graduação em Gestão e Treinamento no Surf. Disponível em: <<http://www.fluxexperiences.com.br/wp-content/uploads/2010/07/11.pdf>> Acessado em 04/04/2019.

NOGUEIRA, Q. W. C. Educação física, cultura e a produção de significados. Educar em Revista, [s.l.], n. 26, p.197-214, dez. 2005. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.392>. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/4736/3661>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

MINAYO, M. C. de S. O desafio do conhecimento. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MOREIRA, M. SURF: Da Ciência à Prática. Lisboa: Fmh Edições, 2009. Disponível em: <<http://www.fmh.utl.pt/indices/surfv.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2018.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J; BARROS, A. (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009. p. 269-279.

MORENO, R. M.; MACHADO, A. A. Re-significando o esporte na educação física escolar:uma perspectiva crítica. *Movimento & Percepção*, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.6, n.8, jan./jun.2006.

PEGADAS SALGADAS. Florianópolis: Scult Filmes, 2012. P&B. Disponível em: <<http://pegadassalgadas.blogspot.com.br/2014/03/blog-post.html>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

ROLIM, T.M.R. As Perspectivas de Ensino do Surfe nos Cursos de Educação Física. Florianópolis, 2010. Monografia. CDS.

SEGABINAZZI, R. C. Estilo de vida da tribo do surfe e a cultura de consumo que a envolve. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37335/000821746.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

SILVA, T. T. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, R. Boas ondas: surfando com Rico de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SOUZA JÚNIOR, M. et al. Coletivo de Autores: A cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p.391-411, abr./jun. 2011. Trimestral. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/676/662>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

STEINMAN, J. Surf e Saúde. Florianópolis, 2003.

VIEIRA, R. de O. ARAGUA SURFE SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO QUE INTEGRA ESPORTE E EDUCAÇÃO. 2012. 70 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/103753/TCC%20-%20ROBERTA%20DE%20OLIVEIRA%20VIEIRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 maio 2019.